

INSURREIÇÕES OU REVOLUÇÕES? O PAPEL DO INSTRUMENTO POLÍTICO

MARTA HARNECKER

1. Os recentes levantamentos populares que sacudiram a Argentina e a Bolívia —, em geral, a história dos múltiplos confrontos sociais que aconteceram na América Latina e no mundo —, demonstraram com veemência que **não basta a iniciativa criativa das massas para alcançar a vitória sobre o regime existente.**
2. Massas urbanas e camponesas empobrecidas se sublevaram, e sem uma direção política clara, tomaram estradas, povoados, bairros, saquearam centros de abastecimento, conseguiram tomar parlamentos, mas, apesar de ter mobilizado centenas de milhares de pessoas, **nem a sua massificação nem a sua combatividade permitiram passar da insurreição popular para a revolução.** Conseguiram derrubar presidentes, mas não foram capazes de conquistar o poder para iniciar um processo de transformações sociais profundas.
3. A história das revoluções triunfantes, pelo contrário, ratifica de forma teimosa o que se pode alcançar quando existe **um instrumento político capaz, em primeiro lugar, de propor um programa alternativo de caráter nacional que permita canalizar a luta dos diversos atores sociais em direção a um objetivo comum;** que ajude a articular entre eles e que seja capaz de promover a elaboração dos passos a seguir, de acordo com a análise da correlação de forças existentes. Somente assim poderia lançar as ações no momento e lugar mais oportunos, procurando sempre o elo mais débil da corrente inimiga.
4. Essa instância política é como o pistão que comprime o vapor de uma locomotiva no momento decisivo e permite que este não seja desperdiçado e se converta em força propulsora.
5. Para que a ação política seja eficaz, para que as atividades de protesto, de resistência e de luta mudem realmente as coisas, **para que as insurreições desemboquem em revoluções, se requer uma instância política que ajude a superar a dispersão e “atomização” do povo explorado e reprimido,** criando espaços de encontro para aqueles que têm diferenças, mas lutam contra um inimigo comum; que seja capaz de potencializar as lutas existentes e de promover outras, orientando as ações e tendo como base a análise da totalidade da dinâmica política; que sirva de instrumento articulador das múltiplas expressões de resistência e de luta.
6. Reconhecemos que o terreno não é fértil para se fazer ouvir essas idéias. Muitos não aceitam sequer discuti-las. E adotam essa atitude porque as associam às práticas políticas antidemocráticas, autoritárias, burocráticas, manipuladoras que caracterizaram muitos partidos de esquerda.
7. Acredito que é **fundamental superar este bloqueio subjetivo e entender que** quando falo de um instrumento político, **não se trata de qualquer instrumento político. Trata-se** de um instrumento político adequado aos novos tempos, um instrumento que temos que construir entre todos.
8. Mas para criar ou modelar o novo instrumento político é preciso **mudar primeiro a cultura política da esquerda e a sua visão da política.** Esta não pode se reduzir a disputas políticas

institucionais pelo controle do parlamento, dos governos locais; por ganhar um projeto de lei ou algumas eleições. Nesta forma de conceber a política, os setores populares e suas lutas são os grandes ignorados. A política também pode limitar-se à arte do possível.

9. Para a Esquerda, a política deve ser a arte de tornar possível o impossível. E não se trata de uma declaração voluntarista. Trata-se de compreender **a política como arte de construir força social e política capaz de mudar a correlação de forças em favor do movimento popular, de tal modo que possa tornar possível no futuro o que hoje parece impossível.**

10. Temos que pensar a política como a arte de construir forças. Temos que superar o antigo e arraigado erro de pretender construir força política sem construir força social.

11. Por desgraça, entre nossos militantes há ainda muita “fala” revolucionária; muito radicalismo nos pronunciamentos. Estou convencida de que **a única forma de poder radicalizar as coisas é mediante a construção de forças.** Aos que enchem a boca de exigências de radicalização há que perguntar: O que vocês estão fazendo para construir a força social e política que permita fazer avançar o processo?

12. Mas **esta construção de forças** não se produz espontaneamente, só se produzem espontaneamente os confrontos sociais. Se requer **um sujeito construtor.**

13. Imagino este instrumento político como uma organização capaz de lançar um projeto nacional que permita aglutinar e sirva de bússola para todos os setores que se oponham ao neoliberalismo. Como uma instância voltada para a sociedade, que respeite a autonomia dos movimentos sociais e renuncie a manipulá-los, e cujos militantes e dirigentes sejam verdadeiros pedagogos populares, capazes de potencializar toda a sabedoria que existe no povo — tanto a que provém de suas tradições culturais e de luta, como a que se obtêm na sua batalha diária pela subsistência — por meio da fusão destes conhecimentos com os mais globais que a organização política possa aportar. Como uma instância orientadora e articuladora a serviço dos movimentos sociais.

BIBLIOGRAFIA DE MARTA HARNECKER SOBRE O TEMA:

—La izquierda después de Seattle, Siglo XXI España, 2002.

—La izquierda en el umbral del Siglo XXI. Haciendo posible lo imposible, Publicado en: México, Siglo XXI Editores, 1999; España, Siglo XXI Editores, 1ª ed., 1999, 2ª ed., 2000 y 3ª ed., 2000; Cuba, Editorial de Ciencias Sociales, 2000; Portugal, Campo das Letras Editores, 2000; Brasil, Paz e Terra, 2000; Italia, Sperling and Küpfer Editori, 2001; Canadá (francés), Lantôt Éditeur, 2001; El Salvador, Instituto de Ciencias Políticas y Administrativas Farabundo Martí, 2001.

—Hacia el Siglo XXI, La izquierda se renueva, Quito, Ecuador, CEESAL, 1991

—Vanguardia y crisis actual o Izquierda y crisis actual, Siglo XXI España, 1990. Publicado en: Argentina, Ediciones de Gente Sur, 1990; Uruguay, TAE Editorial, 1990; Chile, Brecha, 1990; Nicaragua, Barricada, 1990. Con el título Izquierda y crisis actual: México, Siglo XXI Editores, 1990; Perú, Ediciones Amauta, 1990; Venezuela, Abre Brecha, 1990; Dinamarca, Solidaritet, 1992.